

CORREIO POLÍTICO

POR RUDOLFO LAGO



Lira seguiu os recados dados por Kassab e Pereira

16% do Congresso, 90% dos cargos: o X do problema

No sábado (1), enquanto ocorriam as eleições dos novos presidentes da Câmara e do Senado, Hugo Motta (Republicanos-PB) e Davi Alcolumbre (União-AP), reverberava ainda a sequência de críticas ao governo dos principais líderes do Centrão, os presidentes do PSD e do Republicanos, Gilberto Kassab e Marcos Pereira, e o ex-presidente da Câmara Arthur Lira (PP-AL).

Combinados

Não há indícios de que Kassab, Pereira e Lira tenham combinado antes que dariam os duros recados que deram às vésperas da nova eleição do comando do Congresso. Mas foram motivados a partir dos mesmos sentimentos, e apontam para o que pode vir agora.

Trégua

Nos discursos e nos primeiros movimentos no sábado, com a presença maciça de ministros do governo prestigiando as posses, deu-se uma impressão de trégua. Mas o Centrão ainda espera essas compensações: ajudará se sentir que é também ajudado.

Paulo Pinto/Agência Brasil



A disputa interna queima Haddad como alternativa

Segundo sinal é que não existe outro Lula

Um segundo sinal também era repetido por parlamentares do Centrão. O centro percebe que, dependendo das circunstâncias, pode deixar de ser linha auxiliar para ser alternativa de poder. Como disse Kassab: Lula não ganharia a eleição hoje, mas também não ganharia alguém com o sobrenome Bolsonaro. Inicia-se,

então, um ensaio de fim da polarização. Mas que seguirá de olho em Lula como fenômeno político. Ninguém despreza sua capacidade política. Mas tem dúvidas se ele ainda dispõe da mesma saúde e vitalidade para concorrer a nova eleição em 2026. E, aí, o segundo problema: no campo de Lula, se não for ele, quem será?

Alternativas

Não existe outro Lula, porque Lula nunca permitiu que fosse construído. Se a disputa política interna no PT queima aquele que parecia com mais chances de ser a alternativa – o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, o único que já foi testado –, facilita a debandada do Centrão.

Coalizão

Mas Lula e, principalmente o PT, precisam entender que estão à frente de uma coalizão. Que, no caso do Congresso, está muito mais ao centro e à direita que à esquerda. Se insistir em pender a balança para o outro lado, o Centrão pode botar seus pesos em outro lugar.

Haddad

O resumo, portanto, é que o Centrão segue disposto a apoiar Haddad – até porque tem pontos de conexão com sua agenda. Concluirá a reforma tributária, o ajuste fiscal. Terá mais dificuldades de construir apoio, talvez, à reforma do Imposto de Renda e taxação dos super ricos.

Direita

Esse outro lugar, porém, pode não ser a extrema-direita. Motta e Alcolumbre procuraram marcar muito nos seus discursos o cansaço com os tempos de polarização e guerra política. O Centrão se move. E pode ter se dado conta de que pode se mover sozinho.

Alcolumbre deve se encontrar com Lula hoje

Novo presidente do Senado teve 90% dos votos dos senadores

Antonio Cruz/Agência Brasil

Por Gabriela Gallo

Poucos minutos depois de ser eleito o novo presidente do Senado, com os votos de 73 dos 81 senadores, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP) já falava por telefone como presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A ligação já tinha sido articulada pelo líder do governo no Congresso, senador Randolfe Rodrigues (PT-AP). Assim que se acalmaram as comemorações pela vitória, Randolfe passou o celular para Alcolumbre, que teve a primeira conversa com Lula.

“Rapaz, que votação expressiva, hein?”, brincou Lula. “À sua disposição, presidente”, respondeu Alcolumbre. Os dois, então, combinaram ter uma primeira conversa “nas próximas horas”. Segundo informou Randolfe ao Correio da Manhã, essa reunião já deverá acontecer nesta segunda-feira (3).

Sem surpresas, o plenário do Senado Federal elegeu, neste sábado (1º), o senador Davi Alcolumbre (União Brasil-AP) como novo presidente da Casa. Com uma ampla margem de vantagem, ele venceu por 73 votos dos 81 senadores. Ficou a somente três votos dos recados, que foram os 76 votos obtidos por Mauro Benevides (MDB-CE) em 1991 e José Sarney (MDB-AP) em 2009.

Alcolumbre assumirá a presidência da Casa no biênio 2025-2026. Como é tradição do Senado, a votação ocorreu em cédulas de papel, com resultado apurado em tempo real. O senador já assumiu a presidência da Casa anteriormente, entre 2019 e 2020.

Pacificação

A disposição em conversar logo com Lula é coerente com o discurso feito por Alcolumbre. O novo presidente do Senado afirmou que durante sua gestão buscará a pacificação, especialmente entre os poderes. “Precisamos reconstruir pontes e lembrar que os adversários são parceiros no debate democrático, típico de uma Casa como esta. Ansiamos, todos, pela pacificação. Queremos resgatar a cordialidade que perdemos.



Alcolumbre sucederá Rodrigo Pacheco no Senado

Volta a perceber que temos um objetivo comum: o desenvolvimento do Brasil”, disse.

Todavia, apesar do tom brando, Alcolumbre destacou que o Senado precisa adotar um posicionamento “corajoso” frente aos demais poderes e à sociedade. “O Congresso Nacional deverá ser porta-voz do sentimento dos brasileiros que nos colocaram aqui. Pensar e agir no sentido de facilitar a vida do cidadão, dando mais oportunidades, mais liberdades, mais sonhos. Por vezes, isso nos exigirá um posicionamento corajoso perante o governo, o Judiciário, a mídia ou o mercado. Nem sempre agradaremos a todos”, disse Alcolumbre.

Orçamento

Outro recado claro dado por Alcolumbre é que ele não pretende simplesmente ceder às determinações do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Flávio Dino quanto à questão das emendas orçamentárias. O que se comenta no Congresso é que, se era Arthur Lira (PP-AL) o dono da chave do cofre do Orçamento na Câmara, no Senado o dono é Alcolumbre.

“Não haverá democracia forte sem um Congresso livre, sem um Parlamento firme, sem um Senado soberano, autônomo e independente. Quero ser claro: é essencial respeitar as decisões judiciais e o papel do Judiciário

em nosso sistema democrático. Mas é igualmente indispensável respeitar as prerrogativas do Legislativo e garantir que este Parlamento possa exercer seu dever constitucional de legislar e representar o povo brasileiro”, reiterou o senador, em seu discurso antes da votação.

Favorito da Casa, ele disputou o posto com os senadores Astronauta Marcos Pontes (PL-SP), que teve quatro votos, e Eduardo Girão (Novo-CE), que também recebeu quatro votos. Os senadores Marcos do Val (Podemos-ES) e Soraya Thronicke (Podemos-MS) também disputavam o posto, mas, em seus respectivos discursos no plenário, ambos retiraram suas candidaturas.

Mesa Diretora

Além do presidente da Casa, os demais membros eleitos para a Mesa Diretora do Senado são: Eduardo Gomes (PL-TO) na 1ª vice-presidência, Humberto Costa (PT-PE) na 2ª vice-presidência, Daniella Ribeiro (PSD-PB) na 1ª secretaria, Confúcio Moura (MDB-RO) na 2ª secretaria, Ana Paula Lobato (PDT-MA) na 3ª secretaria e Laércio Oliveira (PP-SE) na 4ª secretaria. Já os suplentes da Mesa Diretora são: Chico Rodrigues (PSB-RR), Messias de Jesus (Republicanos-RR), Styvenson Valentim (PSDB-RN) e Soraya Thronicke.

Pacheco

Pouco antes da sessão, o ex-presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), realizou uma última coletiva de imprensa como presidente da Casa. Na ocasião, ele fez um balanço de sua gestão e destacou a importância de se proteger a democracia.

“Em momentos de negacionismo, momentos estranhos como os que estamos vivendo no mundo, é muito importante que a política e a sociedade se unam nesse enfrentamento à antidemocracia”, destacou Pacheco.

Em meio às expectativas de nomes para a reforma ministerial, o agora ex-presidente do Senado foi cogitado para assumir o Ministério de Justiça e Segurança Pública no lugar de Ricardo Lewandowski. Porém, na última quinta-feira (30), o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) reforçou que gostaria que Rodrigo Pacheco fosse o novo governador de Minas Gerais.

Questionado pela imprensa, durante entrevista coletiva antes da sessão, Pacheco comentou que tem interesse em concorrer ao governo de Minas Gerais, mas ainda é cedo para anunciar uma possível candidatura, que dependerá de uma série de variáveis.

Novo presidente da CCJ, Otto discorda das críticas de Kassab

Marcelo Camargo/Agência Brasil

Por Rudolfo Lago

A Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) foi o trampolim usado por Davi Alcolumbre (União Brasil-AP). Por ela, passam todos os projetos em tramitação no Senado antes de irem ao plenário. Também convencionou-se que é nela que se instalam os relatores das emendas constitucionais, como foi Eduardo Braga (MDB-AM) na reforma tributária e como deverá acontecer com quem for designado relator da reforma do Imposto de Renda quando o governo a mandar para o Congresso. O novo presidente da CCJ será o senador Otto Alencar (PSD-BA). E, no sábado (1º), ao Correio da Manhã ele falou sobre seus planos.

Otto Alencar é do mesmo partido presidido pelo secretário de Governo de São Paulo, Gilberto Kassab. Que, na semana passada, fez críticas duras ao governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e classificou o ministro da Fazenda, Fernando Haddad,



Para Otto, Kassab foi “ácido demais”

como “fraco”. Otto Alencar disse respeitar as críticas de Kassab, mas ao Correio afirmou não concordar muito com elas.

“Num regime democrático, todos têm o direito de fazer suas avaliações”, disse o senador baiano. “E Kassab fez as dele”, continuou. “Mas acho que ele foi um pouco ácido demais, especialmente com Fernando Haddad”.

Conquistas

Alencar fez considerações sobre Haddad muito próximas das de Lula na entrevista coletiva que concedeu no Palácio do Planalto na quinta-feira (30). “Haddad teve uma série histórica de conquistas aqui no Senado. Todas as matérias que defendeu foram aprovadas. Tem um crédito muito grande”, afirmou, citando a própria re-

forma tributária, seu primeiro projeto de regulamentação, e o arcabouço fiscal, entre outras propostas.

“O resultado está aí”, completou o senador. “Obtive mais de 10% de aumento na arrecadação de impostos”.

Nesse sentido, ele afirmou que irá seguir os mesmos critérios de Davi Alcolumbre para a tramitação dos próximos projetos na pauta da CCJ. Ainda precisa ser concluído na Câmara dos Deputados o segundo projeto de regulamentação da reforma tributária. E o governo promete enviar este ano o projeto sobre o Imposto de Renda. Da mesma forma, Alencar designará relator e fará audiências públicas.

O senador ainda se alinha com um ponto que tem resistência nos setores mais conservadores do Congresso: a taxação dos super ricos. “Sempre fui a favor disso, e tenho inclusive projeto nesse sentido. No nosso país, tem que se cobrar imposto sobre lucros e dividendos”.